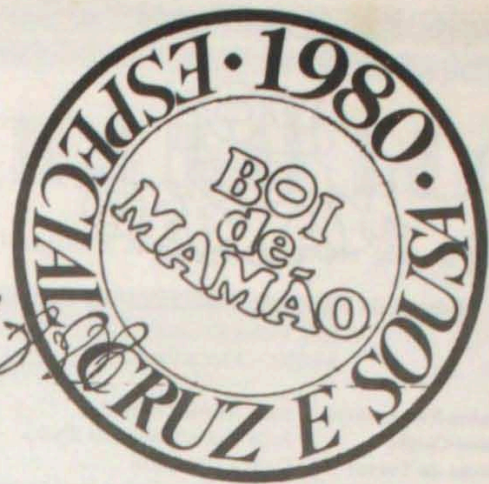




Pestovo, 2 de Abril de 1980

Prof. Dr. Laura Junkes
Presidente da ACL
DOAÇÃO

Caríssimo e nobre amigo Germano
Wendhausen.

Venho, mais uma vez, valer-me da
sua proteção, da generosidade dos
seus sentimentos, pedindo-lhe
que me faça a gentileza de
me ouvir.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou
não a situação difícil da
minha vida nem o estado
de fatalidade em que me acho;
no entanto, acreditando-me
um indivíduo sério e leal, dáia
a atenção devida às minhas
palavras. Cruz e Sousa

MEMÓRIAS DE ARAÚJO FIGUEIREDO

(Imagens e seleção de textos por gilberto gerlach.)

O Cap. IX aqui transcrito, pertence ao livro de memórias de Araújo Figueiredo — “No Caminho do Destino”, de publicação inédita.

Juvenal de Araújo Figueiredo, nascido no Desterro em 27 de setembro de 1864, é considerado pelos estudiosos da obra de João da Cruz e Sousa, como seu companheiro mais fiel. Trabalhador no cultivo da terra, oleiro e também alfaiate, era tipógrafo de profissão no pequeno jornal liberal da época, “A Regeneração”, onde conviveu com Cruz e Sousa, Santos Lostada e outros poetas iniciantes. A personalidade humanística de Figueiredo viria a tornar-se um elo, nas piores horas de ambos, e mesmo uma parte do guia espiritual, de Cruz e Sousa a Figueiredo, conforme narra o autor em suas memórias, por ocasião da estada em Laguna, época da morte de Cruz e Sousa.

De Araújo Figueiredo são conhecidos do prelo seus “Madrigais” de 1888, os “Versos Antigos” de 1889 e “Ascetério”, 1904. Acompanhou Cruz e Sousa no Rio de Janeiro por uma época, foi promotor público por breve período em Tubarão, perseguido pela revolução de 1894, professor em Laguna (onde descobriu suas forças mediúnicas). Em 1925 ocupou uma das cadeiras da Academia Catarinense de Letras mas foi dedicando seus últimos anos de existência à mediunidade, na então bucólica Coqueiros, que ele viria a se tornar um imortal, pelo caminho das abrandações e curas milagrosas aos mais infortunados, “no caminho do Destino”, como ele disse. Faleceu Araújo Figueiredo, vinte e sete anos após Cruz e Sousa, a 6 de abril.

“Conheci o Cruz e Sousa quando eu tinha seis anos e ele oito; estudava as primeiras letras em casa da professora Camila, à rua dos Ilhéus, hoje Visconde de Ouro Preto, ao lado esquerdo de quem sobe.

A professora era comadre de minha mãe e morava numa casa de nossa propriedade.

Um dia em que lá chegamos, encontramos sentado, em companhia de alguns rapazes e raparigas, numa esteira ao meio da sala, um crioulinho muito simpático, de testa espaçosa, olhos vivos e atraentes, lábios grossos e dentes de uma alvura de marfim brunido.

Soaram as doze badaladas do meio dia e ele e todos os seus camaradas levantaram-se um a um, deram as suas lições, rezaram em coro um Pai-Nosso e saíram para voltarem de novo às duas horas.

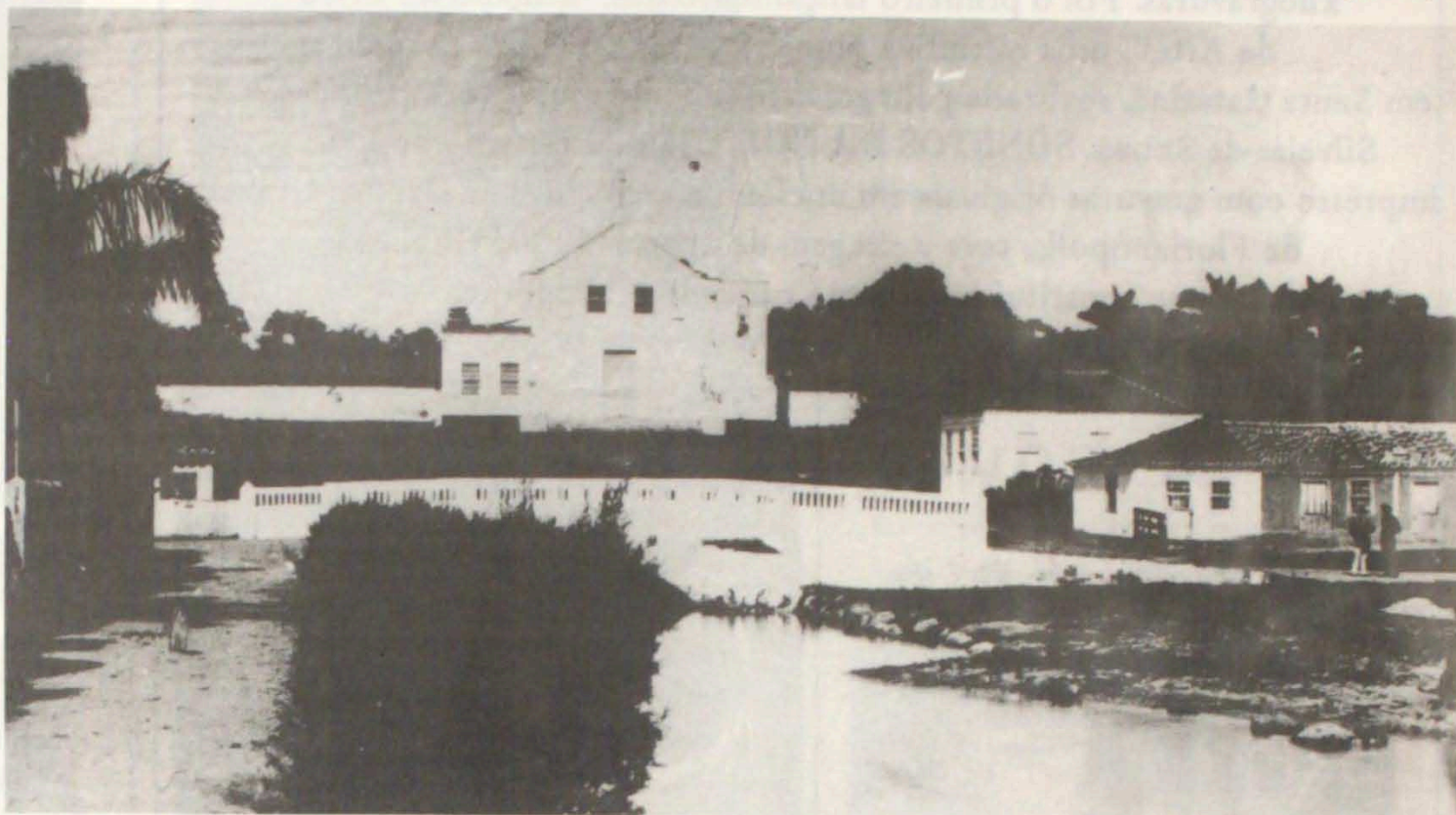
— Viu a comadre Bela aquele crioulinho de olhos muito vivos, que acabou de sair? perguntou minha mãe à professora Camila. Pois é o mais estudioso dos meus discípulos e o mais obediente.

Não imaginava a sua comadre Bela como ia de vento em popa aquele seu discípulo, não tardando muito a retirar-se da escola por não ter a sua professora mais o que lhe ensinar.

Minha mãe ficou admirada da habilitação do rapazinho e convidou-me a estudar com ele, para que tivesse, no futuro, uma vida igual a que desde já se afigurava para ele. Mas, cheia de piedade, acrescentou:

— E o meu filho, comadre, que é tão doente...

Desde aquele dia, porém, nunca mais vi o Cruz e Sousa, senão em nossa casa, quando morávamos à rua do Vigário, hoje



Largo de São Sebastião, onde morou Cruz e Sousa, à esquerda da Capela.

Fernando Machado, e já era viúvo o meu pai. Tinha ido cobrar uma dívida a meu pai, da casa comercial do Camilo, vendedor de charque de Montevideu, num dos compartimentos do mercado, da qual era ele, o Cruz e Sousa, caixeiro cobrador e mesmo de balcão, em 1881. Trajando um fato muito unido ao corpo, de cor clara e salpicos azuis e amarelos, ei-lo com uma rosa branca à lapela, e a sua indispensável bengala de junco, dependurada à curva do braço esquerdo. Jovial e encantador, conversava a respeito do Marechal Guilherme, de quem meu pai era muito íntimo, quando apareci, para recuar em seguida, à porta que dava para o corredor da casa, no interior.

— Vem cá, meu filho; venha apresentar-se ao Cruz, ao nosso querido poeta.

E foi por essa ocasião que eu e o Cruz, pela primeira vez, nos falamos e as nossas mãos se tocaram num largo e demorado aperto. Aproveitando o momento, falou-nos o Cruz no notável artista Simões, que por esse tempo se achava na Capital, com a sua Companhia Dramática. E seria bom que aproveitássemos o espetáculo que o Simões anunciou em seu benefício, no qual ele, o Cruz e Sousa, saudaria, em versos de sua lavra, o querido artista. E fomos, na noite do sábado próximo, ao Teatro. Achava-se este completamente lotado e o Cruz e Sousa, num dos intervalos, subindo numa cadeira, começou a recitar umas décimas, oferecidas ao ilustre artista, num tom majestoso, de voz clara e emocional. Choveram as palmas, numa repercussão vibrante, por todo o teatro, mas não deixou de haver quem, no camarote, onde me encontrava com meu pai, dissesse aos nossos ouvidos, baixinho:

— Que atrevimento de negro! não acham? era o

E quem nos disse essas frases era o irmão do maior poeta catarinense, Luiz Del-fino, para cuja direção caminhava, já, por esse tempo, o inigualável Cruz e Sousa.

No outro dia, pela manhã, entrávanos em casa o professor jubilado, Ângelo de Almeida, fazendo comentários sobre a festa...

— Prevejo um triunfo enorme para o Cruz, disse-me meu pai, pela razão de lhe atirarem pedras desde já, os invejosos. Será um Santo Estêvão, mas vencerá na glória.

Desde esse dia em que nos encontramos em nossa casa eu e o Cruz nunca mais nos separamos da amizade que nos unira esse largo e demorado aperto de mão.

O Cruz e Sousa era de estatura mediana e o seu andar cadenciado, de um porte atraente, maneiras nobres e delicadas. Seus grandes olhos negros em um fundo de opala, guardavam doçuras inefáveis, mas possuíam quase sempre um certo quê de tristeza. Suas mãos eram muito bem feitas e esguias, dedos lisos mas convulsos; em cada curva das unhas delineava-se-lhe a metade de uma lua alvíssima, em miniatura. Não tinha o cabelo de todo encarapinhado e repulsivo, antes, um pouco aveludado, macio; tampouco seu bigode era áspero como o de quase todo negro. Usava a barba seguidamente escanhada, aparecendo-lhe as faces e o queixo sempre lisos, sem nenhuma protuberância. Nunca saía à rua sem os sapatos completamente lustrosos, preferindo gastar com eles o último dinheiro que tivesse, embora lhe faltasse para o café, o qual, ele, no entanto, saboreava muitas vezes ao dia, bebendo-o aos tragos, como se bebesse licores. Sem os sapatos lustrosos, dizia ele, fugiam-lhe as idéias e a sua vida tornava-se como a do pavão, dessa ave simbolizadora da vaidade sobre um monturo de misérias e decepções. Preferia andar só do que com pessoas que com a sua alma não vibrassem nas mesmas percepções das coisas da vida, que ele tanto sabia sacrificar na irradiação do seu ideal. Nunca lhe percebi uma mentira, nem mesmo por brincadeira, e nem intrigas, a quem quer que fosse.

Humilde para os humildes, manifestava-se, no entanto, austero para com os grandes, afastando-se deles com um gesto de altivez, ou subjugava-os com o seu olhar que às vezes se tornava como uma funda da qual saíam pedradas, como que arrancadas dolorosamente, que feriam.

Nunca deixou de passar pelo meio dos grupos que o apedrejavam, com receio do que fosse ou viesse e os cumprimentava sorridente, orlado pela glória das suas virtudes.

Certa vez, viu-o subjugar com um gesto de mão e um golpe de olhar, o Oscar Rosas, a esse indivíduo que se dizia seu amigo, e cujo corpo forte e robusto lhe dava aspectos de valente.

— És um covarde, um miserável, disse ele, numa manhã, ao Oscar Rosas.

E o Oscar engoliu tudo isso e não tugi.

É que entre a alma de ambos existia uma distância bastante grande e inconfundível.

Amendo os de sua raça, por eles se bateu heroicamente pelos jornais, sacrificando até a sua própria saúde, pois trabalhava até horas mortas e ia para casa, muitas vezes, debaixo de chuva torrencial e fortes ventanias invernais, sem temer a distância das ruas por onde teria de passar, apenas acompanhado de uma bengala de onde destacava-se o rosto de um pierrot.

Sua casa ficava no Largo de São Sebastião, na Praia de Fora, tendo antes morado, durante alguns anos, à rua 28 de Setembro, junto à casa de um padre italiano, muito usurário e porco, mas que, no entanto, emprestava ao poeta obras completas de Dante, que eram, pelos dois, seguidamente lidas. E Cruz e Sousa sabia de cor muitos sonetos, mesmo de poetas italianos, recitando-os nessa mesma língua, com uma dicção admirável. E, conquanto admirasse também a literatura espanhola, não gostava, porém, dessa língua que lhe parecia mentirosa, cheia de coisas absurdas na sua pronúncia.

Embora conhecesse o espanhol, dizia ele, com muita graça, quando algum idiota lhe falava dela:

— Do espanhol só conheço o Dom Quixote. E gesticulava os braços como se lançasse ao sol, para derrubá-lo, algumas ameaças de mãos fechadas, talvez de cima de algum cavalo de pau ou por sobre as asas de Ícaro”.

Em 1958, editou-se em Florianópolis um livro em formato de álbum contendo sete poemas de Cruz e Sousa, ilustrados com xilogravuras. Foi o primeiro lançamento das "Edições do Livro de Arte", uma iniciativa pioneira nesse gênero editorial em Santa Catarina, realizada pelo gravurista Hugo Mund Jr. e pelo escritor Silveira de Souza. **SONETOS DA NOITE** — este o título do livro — impresso com gravuras originais em madeira nas oficinas da Gráfica Grajaú, de Florianópolis, teve a tiragem de apenas 300 exemplares e se constitui hoje numa raridade bibliográfica.

CRUZ E SOUZA

SONETOS DA NOITE

Seleção de Silveira de Sousa
Xilogravuras de H. Mund Jr.



Edições do Livro de Arte
Florianópolis — MCMLVIII

PRÓLOGO

ESSA luto, essa noite, essa treva é o que eu desejo. Treva deliciosa que me anule entre a degenerescência dos sentimentos humanos. Treva que me disperse no caos, que me eterifique, que me dissolva no vácuo, como um som noturno e místico de floresta, como um vôo de pássaro errante. Treva, sem fim, que seja o meu manto sem estrelas, que eu arraste indiferente e obscuro pelo mundo afora, arredado dos homens e das coisas, confundido no supremo movimento da natureza, como um ignorado braço de rio, que através de profundas selvas escuras vai sombria e misteriosamente morrer no mar.

CRUZ E SOUZA



ÊXTASE BÚDICO

ABRE-ME os braços, Solidão profunda,
Reverência do céu, solenidade
Dos astros, tenebrosa majestade,
Ó planetária comunhão fecunda!

Óleo da noite sacrosanto, inunda
Todo o meu ser, dá-me essa castidade,
As azúis florescências da saudade,
Graça das Graças ímortais oriunda!

As estrelas cativas no teu seio
Dão-me um tocante e fugitivo enleio.
Embalam-me na luz consoladora!

Abre-me os braços. Solidão radiante,
Funda, fenomenal e soluçante,
Larga e búdica Noite redentora!



DILACERAÇÕES

Ó CARNES que eu amei sangrentamente.
Ó volúpias letais e dolorosas.
Essências de heliotrópios e de rosas
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes Virgens e tépidas do Oriente
Do Sonho e das Estrêlas fabulosas,
Carnes acerbadas e maravilhosas,
Tentadoras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zelos,
Através dos profundos pesadelos
Que me apunhalam de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos.
Em lágrimas, em prantos, em lamentos,
Em ais, em luto, em convulsões, em dores...



CABELOS

CABELOS! Quantas sensações ao vê-los!
Cabelos negros, do esplendor sombrio
Por onde corre o fluido vago e frio
Dos brumosos e longos pesadelos...

Sonhos, mistérios, ansiedades, zelos,
Tudo que lembra as convulsões de um rio
Passa na noite cálida, no estio
Da noite tropical dos teus cabelos.

Passa através dos teus cabelos quentes,
Pela chama dos beijos inclementes,
Das dolências fatais, da nostalgia...

Auréola negra, majestosa, ondeada,
Alma da treva, densa e perfumada,
Lânguida Noite da melancolia!



MÚSICA MISTERIOSA

TENDA de Estrélas níveas, refulgentes
Que abris a doce luz de alampadários,
As harmonias dos Estradivarius
Erram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluídicos, diluentes
Dos Astros, pelos trêmulos velários,
Cantam Sonhos de místicos templários,
De ermitões e de ascetas reverentes...

Cânticos vagos, infinitos, aéreos
Fluir parecem dos Azúis etéreos,
D'entre os nevoeiros do luar fluindo...

E vai, de Estréla a Estréla, à luz da Lua,
Na láctea claridade que flutua,
A surdina das lágrimas subindo...



A MORTE

OH! QUE doce tristeza e que ternura
No olhar ansioso, aflito dos que morrem...
De que âncoras profundas se socorrem

Os que penetram nessa noite escura!

Da vida aos frios véus da sepultura
Vagos momentos trêmulos decorrem...
E dos olhos as lágrimas escorrem
Como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados
Os que na terra vagam suspirando,
Com os velhos corações tantalizados.

Tudo negro e sinistro vai rolando
Báratro abaixo, aos ecos soluçados
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...



SEXTA-FEIRA SANTA

LUA absintica, verde, feiticeira,
Pasmada como um vício monstruoso...
Um cão estranho fussa na esterqueira,
Uivando para o espaço fabuloso.

É esta a negra e santa Sexta-feira!
Cristo está morto, como um vil leproso,
Chagado e frio, na feroz cegueira
Da Morte, o sangue roxo e tenebroso.

A serpente do mal e do pecado
Um sinistro veneno esverdeado
Verte do Morto na mudez serena.

Mas da sagrada Redenção do Cristo
Em vez do grande Amor, puro, imprevisto,
Brotam fosforescências de gangrena!



MONJA

OLUA, Lua triste, amargurada,
Fantasma de brancas vaporosas,
A tua nívea luz ciliciada
Faz murcheçar e congelar as rosas.

Nas floridas searas ondulosas,
Cuja folhagem brilha fosforeada,
Passam sombras, angélicas, nivasas,
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,
Que vão pelo ar, noctâmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,
Parece que abres para mim os braços.
Fria, de joelhos, trêmula, rezando...

a corte, venho valer-me do
prestígio e da sua genero-
sidade jamais desmentida. he-
lhe encarecidamente
influir com o seu amigo
Virgílio Villela
passagem, ou, no
caso, absolutamente
impossível, embora o meu ex-
celente amigo envide os seus es-
forços para me emprestar 50\$000
para eu poder transportar-
me, pois, fica na honestidade
do meu carácter e do meu
trabalho para de-
satisfazer-lhe essa im-
portância desde que o trabalho me
garanta mais poderes para isso.

Desterro, 2 de abril de 1888.

Caríssimo e nobre amigo Germano Wendhausen.

Venho, mais uma vez, valer-me da sua protecção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difícil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entanto, acreditando-me um indivíduo sério e leal, dará a atenção devida às minhas palavras.

Acontece que, por largo espaço de tempo, me tenho visto embaraçado, muito de afogado de lutas, achando sempre contrariedades em tudo que proponho fazer para melhorar de estado, para trabalhar, ter um futuro mais garantido e seguro, não encontrando nunca o auxílio de ninguém. Como deve saber, na **Tribuna Popular**, onde escrevo, nada me dão, nem eu o exijo porque não o podem fazer, e eu estou ali, apenas, para ajudar o Lopes, porque o faço generosamente, de coração aberto, com dedicação e simpatia, e mesmo, pela grande causa abolicionista que nós todos defendemos com desinteresse e honra. Já vê o meu nobre amigo que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino. Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora o meu excelente amigo envide os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50\$000 réis para eu poder transportar-me, pois, fica na honestidade do meu carácter e do meu brio satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso.

recorrer senão à sua presti-
mosa individualidade.
Sabe Deus quanto me custa
e quanto a minha dignida-
de se vê abatida por me
ver obrigado a fazer-lhe
tal pedido! Mas, acredite
o Sr. Germano Wendhausen
que em mim verá sempre
um rapaz sincero, franco e
leal, daquelles que não abu-
sam e que sabem ser gratos.
Só a sua pessoa me pode
valer, e eu a ella me dirijo
com confiança, em nome de
sua veneranda mãe.

Disponha sempre de um amigo
firme, que fará mais e mais por se tornar digno da
sua estima e considera-
ção que tanto distinguem
as pessoas que têm a felicidade
de as possuir.

Cruz e Sousa

Bem sei que já o ocupei e que me serviu tão bondosamente, com tanta consideração e apreço, mas, no estado em que vivo não vejo a quem recorrer senão à sua prestimosa individualidade.

Sabe Deus quanto me custa e quanto a minha dignidade se vê abatida por me ver obrigado a fazer-lhe tal pedido! Mas, acredite o Sr. Germano Wendhausen que em mim verá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos. Só a sua pessoa me pode valer, e eu a ella me dirijo com confiança, em nome de sua veneranda mãe.

Disponha sempre de um amigo firme, que fará mais e mais por se tornar digno da sua estima e consideração que tanto distinguem as pessoas que têm a felicidade de as possuir.

Cruz e Sousa

(Carta pertencente aos arquivos da Academia Catarinense de Letras e cedida para esta edição pelo escritor Theobaldo Costa Jamundá).

Desterros, 2 de Abril de 1888.

Caríssimo e nobre amigo Germano
Wendhausen.

Venho, mais uma vez, valer-me da
sua proteção, da generosidade dos
seus sentimentos, pedindo-lhe
que me faça a gentileza de

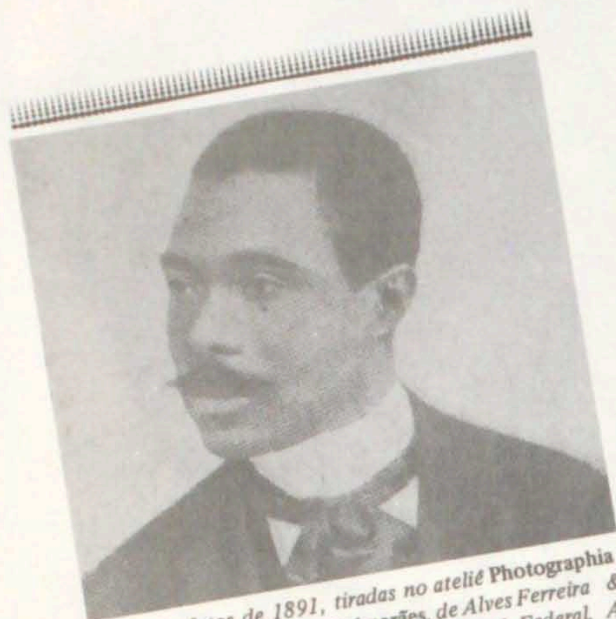
me ouvir.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difícil da
minha vida nem o estado da
de fatalidade em que me acho; Tribunal Popular, onde
no entanto, acreditando-me da minha vida, nem
um indivíduo sério e leal, da
a atenção devida às minhas palavras.

Acontece que, por largo espaço
de tempo, me tenho visto em
baracado, muito afogado de luz, e eu estou ali,

ando sempre contrariado, ra-
tudo — que pro- se-
ler para melhorar de si-
para trabalhar, ter um do-
mais garantido e segu- in-
confiando nunca to au- q-
ninguém. Como deve-
Tribuna Popular, onde
me dão, nem
porque não o
ajudar o Lopes,
generosamente, de
com dedicação
e mesmo, pel-
abolicionista q-
dependemos con-
interesse a honra. Já vê-
culdades em que estou, ter
absoluta necessidade de p-
rar destino. Assim, tendo
deliberado a minha viagem

“SABE DEUS
QUANTO ME CUSTA E
QUANTO A MINHA DIGNIDADE
SE VÊ ABATIDA..”



Duas fotos de 1891, tiradas no ateliê Photographia Americana, antiga Casa Guimarães, de Alves Ferreira & Roltgen, à rua dos Ourives, 38, Capital Federal. A primeira, é um retrato de Cruz e Sousa. Na segunda vêem-se: à direita, sentado, Cruz e Sousa; no centro, de pé, Virgílio Várzea; e, à esquerda, encostado a uma cerca imitada em cimento, Horácio Carvalho.

Fotos do arquivo de Iaponan Soares



Um episódio pouco conhecido na vida de Cruz e Sousa

Iaponan Soares

São poucos os documentos que registram a adolescência do poeta Cruz e Sousa. Entendemos que há um espaço vazio a ser palmilhado, muito embora se saiba, de antemão, a aridez do terreno.

Acreditamos que o assunto será melhor entendido, à medida que a documentação pessoal do Poeta (e que ainda se encontra em mãos de terceiros), for tornada pública. Até hoje os jornais da antiga Desterro tem sido a fonte principal dos estudos cruz-e-souseanos. As "Memórias" deixadas inéditas por Araújo Figueiredo, e cujo conhecimento muito serviu a R. Magalhães Júnior para ampliar a terceira edição do seu "Poesia e Vida de Cruz e Sousa", é outro documento importante no rol dessas fontes, embora deva ser examinada com algumas reservas, face o autor de "Ascetério" não esconder nessas páginas a forte mágoa que guardava do meio desterrense e de seus contemporâneos.

Quase todos os amigos que escreveram sobre Cruz e Sousa pouco disseram de sua vida anterior à estréia literária.

Mesmo o Virgílio Várzea, que tanto conviveu com Cruz e Sousa, quer na Província, quer no Rio de Janeiro, o que escreveu sobre o Poeta pouco acrescentou à sua biografia. Dos contemporâneos de Cruz e Sousa e que permaneceram na Província, um deles foi Manoel dos Santos Lostada, que também tomou parte do grupo que ficou conhecido como "Idéia Nova". Santos Lostada pouco colaborou na imprensa desse período, pois seus afazeres de empregado do comércio lhe tomavam quase todo o tempo, o que não impedia, entretanto, o convívio e a amizade com o grupo encabeçado por Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. A sua participação nesse movimento está comprovada na imprensa, pois em mais de uma oportunidade foi alvo de sátira e epigramas daqueles que condenavam os seguidores da nova estética. Mais tarde, homem feito e melhor situado na vida, Santos Lostada colaborou com mais frequência em nossos periódicos, divulgando pequenas crônicas e contos, com alguns desses textos encobertos sob o pseudônimo de Orlando de Castro.

O jornal "A Página", aqui editado no início do século, sob a direção do paranaense Domingos Nascimento e redatorado pelo goiano Henrique Silva, divulga, algumas colaborações de Santos Lostada. É nessa colaboração que descobrimos um texto, cujo personagem é, sem dúvida, Cruz e Sousa. O trabalho saiu publicado com o título "As Etapas de Herança - I", dando assim a entender que o assunto teria desdobramento em colaborações subseqüentes, o que não aconteceu. Pela curiosidade das informações nele contidas e, principalmente, por nos falar do Poeta ainda na adolescência, é que nos chamou a atenção para uma divulgação mais ampla, como faremos a seguir:

"Olá!... Ontem, aonde te meteste? Não te vimos todo o dia. . .

— Não lhes conto nada! Fui à Lagoa. Por isso é que não apareci. Mas, imaginem vocês, imaginem bem o que é esta minha vida! Aqui para nós: meu pai obrigou-me a ir à Lagoa para ser benzido!! Vejam lá, vejam lá a quanto chega a minha desgraça — a ser benzido por um curandeiro!!

Meu pai, coitado, vocês sabem. . . vê-se no desespero da fome. Isto em reservas,

havia três dias que só se comia planta cozida, dos restos de mudas que minha mãe, doente como anda, rebusca pelo quintal. Vejam só isto! . . .

Anteontem foi uma tempestade medonha, quando eu lhe disse que não acreditava em feitiço. Agastou-se;

— Pois então o que é? Todos dizem que sabes tanto, tens tantos amigos, e porque essa gente não te dá um emprego que nos mate a fome, que nos tire desta miséria? Tu que lês tanto não vês logo que é "coisa feita"?! Está resolvido, João, hás de ser benzido, eu o exijo e ordeno.

— Mas então estes livros mentem, porventura estes homens mentem, meu pai?!

Oh! mas era a suprema ironia do seu destino cruel! Duvidar de Spencer, duvidar de Darwin, duvidar de toda a filosofia, para acreditar num embusteiro imbecil, "preto como nós, meu pai, mas que não tem, eu o sei, a brancura de sua alma ingênua, sincera e boa!" Oh! isto era um horror!!

Bem via a miséria que ia por casa, a tenebrosa epopéia deste cortejo da fome; bem sentia que os braços de seu querido pai, vencidos pela idade e pelo trabalho, não podiam mais com a trolha e com a colher pelos altos andaimes; que sua mãe por ali andava, cadavérica e fula, tossindo sempre, que mal podia consigo, quanto mais com a fonte e o ferro; bem via tudo, mas o que podia fazer senão calcar bem fundo todas estas amarguras, que tanto lhe afligiam o seu coração de filho?!

Os seus amigos! Tinha-os, era verdade, poucos e bons, mas esses, coitados, também só possuíam o talento e, por isso mesmo, eram os preteridos de sempre, os caluniados com inveja e rancor. E sabia por quê? porque este povo, modorrento e pesado, preferia fechar os olhos à luz e mergulhar nas crenças mais absurdas de benzeduras incongruentes, de bruxas e lobisomens.

Isto também era demais! Já tinha sentado na irmandade de N. S. do Rosário a pedido de sua mãe, mas. . . ter de benzer-se! . . . "Eu. . . eu sujeitar-me a benzeduras contra, feitiço!! Era a maior das provocações! O pai que lhe poupasse essa amargura. . .

Não houve meios, teve de obedecer. Apenas conseguiu que saíssem de noite e que voltassem na noite seguinte. Foi descalço para não gastar as botinas.

Duas léguas, ensangüentou os pés todos. "Mas vejam, vejam bem, se há quem tenha tragado tanto fel! Era em casa, era por toda a parte!"

E lá foi ele, genial e vencido, noite afora, na via dolorosa da Lagoa, botinas às costas, topada aqui, escorregão acolá, ensangüentados os pés todos, para ser benzido contra feitiço!!"

Iaponan Soares, pesquisador, ficcionista, é autor dos livros "Marcelino Antônio Dutra, um Aspecto Formativo da Literatura Catarinense", "A Poesia de Oscar Rosas" e "Três Narrativas da Insônia". Organizou a coletânea "Panorama do Conto Catarinense", já em segunda edição.

O TRIUNFO DO POETA NEGRO

A João da Cruz e Sousa

Ó poeta, fecundo e negro poeta!
Muitos nem sabem ainda, nem de longe sabem
de ti, o emparedado, o cavador
do infinito. . . dos violões que choram.

Para muitos, agora, és um palácio.

Nesta ilha, neste coração vibrante e lascivo
noivo do mar, nasceste simples, pobre
e comum. Porém, menos João
e mais o Sousa, buscaste a sina
do cantor incomum; rebuscaste a rica linguagem
e entre símbolos arquitetaste a bela, porém
complexa, difícil poesia.

De repente, entre outros poetas, não
te prefiro. Prefiro, sim, o Solano Trindade
e até negros poetas de botequim.

Perdoa-me, João! Sei da dura dor
que curtiste, poeta intenso
pra cegos ouvidos; poeta preto em terra
não preta — de alvas formas,
de alvas almas, de alvos homens.

Foste então, alvo também. Porém, alvo
de luz! E com pólen de fino ouro
lavraste a rima clara e ardente! E
o som fizeste brilhar! E a própria luz
fizeste brilhar, rebrilhar!

Em vivos plurais, prolongaste as palavras;
prolongaste o teu gesto e o teu corpo
em formas sutis e suaves, mórbidas, radiantes. . .

Riu teu coração, tristíssimo
palhaço. Riu, acrobata, na canção negra
que mais era, em verdade, claridão
— a tua claridão: de ser
o imaculado verso
sobre o podre chão.

Se de dor foi teu suspiro e cruz
foram teus braços, enamoraste a morte, tua
noiva da agonia — como o mar
da tua ilha, este outro ainda vivo, lascivo coração.

Foi aí, nesta noiva morte e na universal
grandeza da poesia, da tua muita e tão
alta poesia, que ganhaste, melhor, que conquistaste
o vôo todo, a liberdade. . .

Foi aí, João, como um sonho sobre a dor,
o teu triunfo, o teu triunfo sumo, o supremo
palpitar do teu amor.

Perdoa-nos, João, quando não
te damos o verdadeiro sentido do teu nome.

ALCIDES BUSS



Hassiss
em Santa Catarina
Cruz e Sousa

CRUZ E SOUSA: OH! QUE DOCE TRISTEZA E QUE TERNURA

O tempo incontável e a angústia desta fatalidade feita destino do homem; a revelação do mundo como resultado das contradições e dos elementos que se antepõem, embora consequência do mesmo núcleo gerador situado no infável; a tentativa de estabelecer um ritmo alicerçado na palavra e num código particular de revelações, a partir da realidade brasileiro-tropical; a aura de melancolia característica do povo e a ousadia de palavras nunca antes usadas na poesia nacional; a consagração da música no poema como elemento imortal da palavra, do verso, da poesia subjacente nos vocábulos: estas poderão ser algumas coordenadas para estudos em profundidade do mais importante poeta barriga-verde.

Não tem um país definido nem definitivo na carta geográfica do planeta terra. É um poeta e pertence ao mundo.

Mas forjado no silêncio catarinense, na solidão própria e inconfundível deste estado que tantas vezes se esquece de seus artistas e às vezes deixa transparecer o medo de assumir os próprios valores criativos, Cruz e Sousa sobrevive.

E sobrevive à falta de memória nacional; à falta da memória da crítica brasileira; à falta de memória das edições esgotadas e dos editores de best-sellers; à falta de memória da educação brasileira.

O que acho dele pessoalmente? Dediquei a Cruz e Sousa meu primeiro livro chamado OS PÓSTUMOS e AS PRO-FECIAS. Por afeto, respeito, reconhecimento.

No mais, faço das palavras de Otto Maria Carpeaux, as minhas:

"A verdadeira poesia nacional começou com Cruz e Sousa e Alphonsus Guimaraes. . ."

LINDOLF BELL

Dois poetas catarinenses dos mais conhecidos e autênticos rendem aqui o seu preito a Cruz e Sousa.

Lindolf Bell acaba de lançar *As Vivências Elementares*, livro de poemas, menção especial no Prêmio Fernando Chinaglia, Rio, 1978 e prêmio Luiz Delfino de Poesia, Santa Catarina, 1978, em edição da Massao Ohno e Roswita Kempf, São Paulo.

Alcides Buss autografa em Santa Catarina a sua mais

recente coletânea de poemas, *O Homem e a Mulher*, edição do autor, 1980, aclamado pela crítica catarinense como um de seus mais belos trabalhos.

Ilustra a página um desenho de Hassiss, motivado no soneto "Sexta-Feira Santa", de Cruz e Sousa. Em agosto passado, Hassiss expôs pinturas e desenhos no Museu de Arte Contemporânea do Paraná.





CRUZ X MACHADO

UBIRATAN MACHADO

Na vida literária de Machado de Assis nem tudo se resumiu em fruir aquela "glória que fica, eleva, honra e consola". O romancista carioca também encontrou alguns motivos de desconsolo. Os louvores eram a norma, quando alguém se referia ao bruxo do Cosme Velho. Mas isso não significa que ele ficou indene aos ataques, alguns de extrema violência. José do Patrocínio, inconformado com seu retraimento durante a campanha abolicionista, fulminou-o com um artigo virulento. Contam que o Tigre da Abolição costumava dizer que Machado, sob sua mansidão, escondia "uma hiena encarcerada e amordaçada". Os machadianos sabem com que rudeza ele foi atacado por Sílvia Romero e com que deselegância, pouco depois de falecer, sua memória foi achincalhada pelo professor Hemetério dos Santos. Mas nenhum destes ataques foi tão insólito quanto o triolê escrito por Cruz e Sousa.

Carlos D. Fernandes, que recolheu os versos do poeta negro no romance *Fretana*, não esclarece a data e nem as razões porque eles foram escritos. Teria Cruz e Sousa qualquer ressentimento contra Machado? A tradição nada guardou. Os depoimentos da época também são omissos. Mas o melindre, recalcado, existiu, com certeza. Enxergaria o poeta catarinense em Machado um transfuga de sua raça, um mestiço que tudo fazia para ocultar os traços de sua ascendência negra?

É possível e até provável, a julgar pela frase, entre irônica e condescendente, com que Nestor Victor traduzia sua admiração pelo autor do Dom Casmurro: "Nada tolo o pardavasco da Capitu", dizia.

Nestor Victor, como se sabe, foi o grande amigo de Cruz e Sousa, e em sua frase — principalmente na alusão depreciativa à cor — pode-se descobrir o eco de um possível ressentimento de Cruz e Sousa contra Machado.

Quando o movimento simbolista começou a se desenvolver, na década de 1890, a livraria Garnier desempenhava um importante papel na vida literária do Rio de Janeiro. Todas as tardes, com seu fraque, sua cartola e sua poli-

dez, Machado ia à loja da rua do Ouvidor, conversar com os amigos. O local era uma espécie de refúgio da velha guarda. Vez por outra, porém, altivos e arredios, buquinando entre as imensas prateleiras, surgiam os simbolistas, com seus trajes extravagantes, polainas, gravatas de cores gritantes, capas espanholas e chapéus desabados sobre a testa. A intenção evidente era de estarrecer. Mas tudo ficaria aí. E ao que se saiba, nunca houve nenhum atrito entre os escritores das gerações mais antigas e os cavaleiros do símbolo. E, muito menos, entre Machado e Cruz e Sousa. Nada que motivasse o Cisne Negro a escrever estes versos:

Machado de Assaz, assaz
Machado de Assis, Assis;
Oh! zebra escrita com giz,
Pega na pena e faz — zaz.
Sai-lhe o Borba por um triz.
Plagiário de Gil Braz
que de Le Sage nós diz.
Pavio que arde sem gás,
carranca de chafariz,
Machado de Assaz, assaz,
Machado de Assis, Assis...

Como explicar essa agressão impiedosa? Acreditamos que ela deva ser compreendida como a explosão daquele recalque a que aludimos devendo, porém, ser encartado como um episódio marginal nos ataques de Sílvia Romero a Machado. Voltemos alguns anos atrás e vejamos como tudo começou.

Em 1879, em seu artigo *A Nova Geração*, publicado na *Revista Brasileira*, Machado de Assis, analisando os *Contos do Fim do Século*, de Sílvia Romero, negava ao sergipano o dom poético. O crítico, de maneira polida e impiedosa, acrescentava que a forma do poeta era tão reversa e obscura, que "dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional."

Temperamento inflamável, generoso e impulsivo, Sílvia

nunca esquecia os elogios ou as restrições. A partir daquele artigo, Machado era uma figura marcada. A desforra viria, dependendo apenas da oportunidade. Três anos depois, Sílvia desferiu um violentíssimo ataque a seu crítico. Entre outras coisas, Machado é chamado de "um burilador de frases banais, um homenzinho sem crenças", e o "mais pernicioso enganador que vai pervertendo a mocidade." O autor de *Iaiá Garcia* seria apenas um "homem dúbio", "capacho de todos os Ministérios", "rábula de todas as idéias", "conselheiro da comodidade literária." As *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, recém-publicadas, não passariam de um "bolorento pastel literário."

Machado não replicou, o que certamente frustrou o ardor polêmico de seu adversário. Mas Sílvia Romero não desistiria, voltando à carga e culminando seus ataques no livro *Machado de Assis*, publicado em 1897.

Bem diverso foi o tratamento dispensado pelo crítico sergipano a Cruz e Sousa. Romero nunca lhe regateou aplausos. Seus elogios arrebatados ao Cisne Negro poderiam ser resumidos na opinião famosa, escrita para o *Livro do Centenário*: "... nele, acha-se o ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência."

Ora, com exceção dos membros de sua igreja, os simbolistas raras vezes eram elogiados. A incompreensão era quase hostil. Assim, diante de louvores tão rasgados, o poeta catarinense — mesmo reconhecendo seu próprio valor — ficaria grato, aguardando apenas uma oportunidade para retribuir. Essa oportunidade surgiria quando Romero lançou seu livro atacando Machado de Assis. Pode-se supor que Cruz e Sousa, solidário com quem tanto lhe homenageara, tenha feito coro nos ataques ao velho mestre, perpetrando o seu triolê. Ao mesmo tempo, ele dava vazão ao seu ressentimento, longo tempo recalcado.

Ubiratan Machado — jornalista profissional, pesquisador, crítico literário com colaborações no Suplemento "O Livro" do *Jornal do Brasil*, jornal "O Globo" e revista "Ficção".

Biblioteca Pública ofereceu.
João da Cruz e Sousa
Virgílio dos Reis Varzea
e outros dos Santos e outros.

Julietta dos Santos

HOMENAGEM

Genio Dramatico Brasileiro

Sentimos o que escrevemos
(Pensamento de ALM. GARRET)

DESTERRO
Typ. COMMERCIAL—RUA DA CONSTITUIÇÃO
1883

JULIETA DOS SANTOS, A MUSA DO PRIMEIRO LIVRO



A menina-atriz Julieta dos Santos, que em maio de 1882 alcançou extraordinário êxito junto às platéias do Rio de Janeiro, era empresariada por Francisco Moreira de Vasconcelos, ator, dramaturgo e poeta, de poucos recursos artísticos e literários, mas que "mambembava" pelo interior do Brasil com a sua companhia teatral.

A 26 de dezembro de 1882, a companhia estreava em Desterro, permanecendo aqui até fevereiro do ano seguinte.

Durante a permanência foram encenadas peças como *A Primeira Dor*, *Almas do Outro Mundo*, *A Corda Sensível*, *O Anjo do Lar* e *Georgeta, a Cega*, entre outras.

Escreveu R. Magalhães Júnior em *Poesia e Vida de Cruz e Sousa* (2a. edição): Em Desterro, a reaparição da precoce Julieta dos Santos provocou um delírio. Promoveram-lhe uma homenagem especial, na noite de seu benefício, a 18 de janeiro daquele ano (1883). A platéia levantou-se e aplaudiu freneticamente, de pé. A orquestra executou o "Hino Artístico", dedicado à menina-atriz pelo compositor local José Brasilício de Sousa. Ofereceram-lhe em cena aberta uma polca, uma valsa e um drama, cujo autor decerto sonhava ser por ela representado. E João da Cruz e Sousa recitou na Ocasão um soneto, exaltando o gênio da Gemma Cuniberti brasileira".

Sabe-se agora que as homenagens não ficaram aí. O pesquisador catarinense Élio Ballstaed, que reúne possivelmente a documentação mais completa existente sobre a vida de Cruz e Sousa, mostra-nos um livro editado em Desterro no ano de 1883, no qual se enfeixa uma coletânea de poemas datados e assinados por Santos Lostada, Moreira de Vasconcelos, Virgílio Varzea e Cruz e Sousa, todos em homenagem a Julieta dos Santos.

Trata-se, com certeza, do primeiro livro impresso em que participou o nosso Cisne Negro.

"CRUZ E SOUSA"

apontamento de Rodrigo de Haro. 6.8.79

Árvores crispadas circundavam a praça em forma de triângulo. Eram árvores dramáticas, de folhas recortadas em serra, nem muito altas ou muito baixas. As tardes eu passava por ali considerando todas as coisas em meus sete anos de idólatra egocêntrico.

Lembro um céu intenso, rumoroso e denso como prata. Lembro os casarões parnasianos. É sempre por setembro na memória desta época. Então um dia, descobri sob um busto, o busto de um poeta, no pedestal bem levantado de arenito brilhante, a figura em relevo e de bronze, de uma jovem morta. Tinha os olhos naturalmente cerrados e as mãos que eram pequenas, cruzavam-se entre rosas, sobre os seios quase junto à garganta. E toda ela, dos ombros até os finos pés, os dois bem juntos, como a alçar voo, rodeava-se de rosas, rosas que embora de bronze, me souberam a tristes rosas fanadas. E o vestido ondulava molemente em duas dobras de bronze. Estava vertical mas também estava deitada. Era graça juvenil e a morte despudorada. Eu ouvia, pisando algumas cravinas, meu coração disparado. Que fazia ela? Era tudo calado mas havia bem fina uma espécie de terror a escorrer da garganta partida. Quem ela era? Por que morrera e celebrá-la morta?

Havia uma contradição, uma violência, e repito, um despudor naquela imagem, — eu adivinhara, de beleza oferecida à morte, que entre terror e náusea eu pude fugir dali.

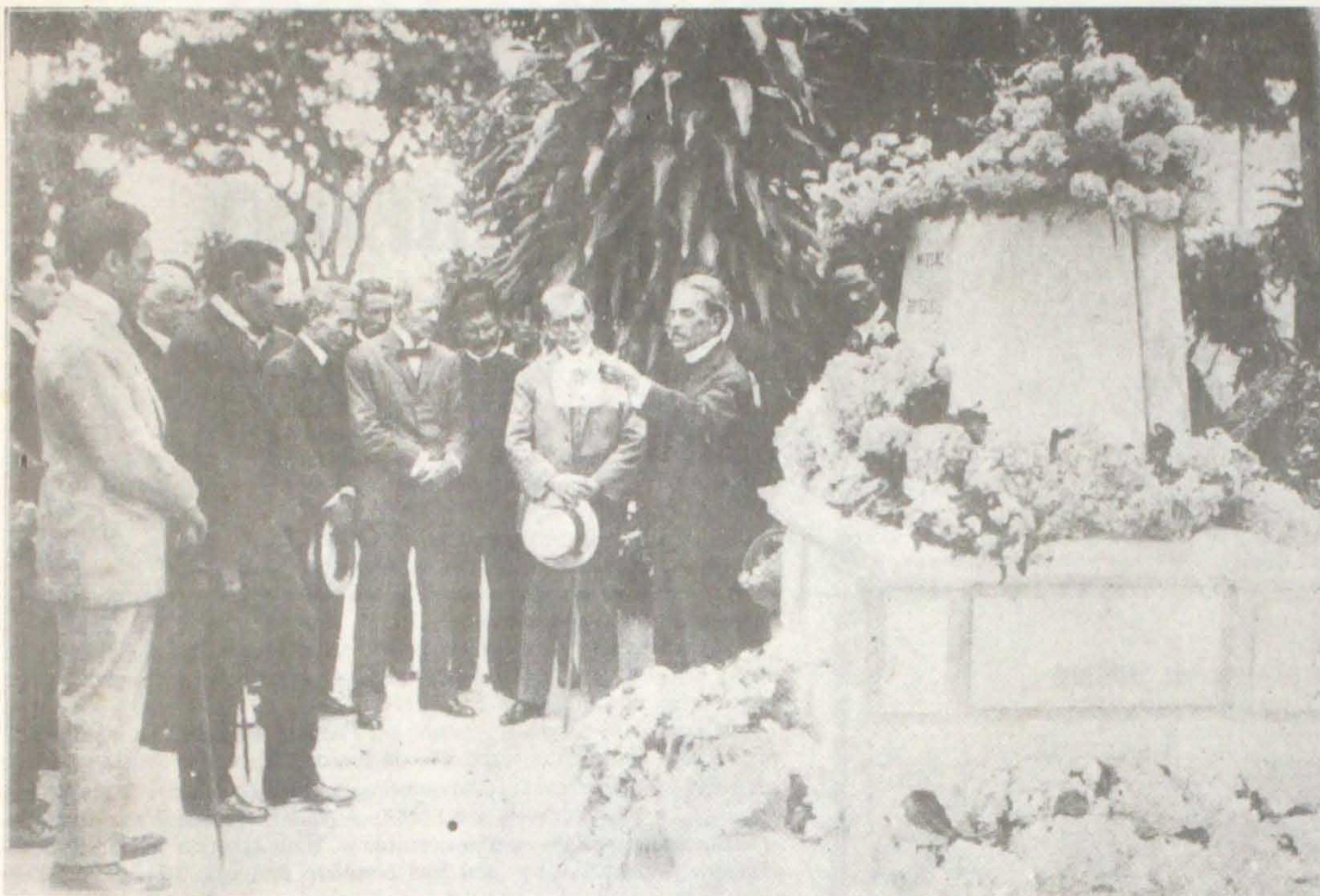


Foi somente bem mais tarde que vim a familiarizar-me com o poeta e a descobrir através daquele rosto tão levemente europeizado e redimido de negritude, as linhas de uma paixão amarga e lúcida que um busto não me revelara mas a alegoria de seu pedestal acadêmico me fizera adivinhar.

Em torno do busto de Cruz e Sousa do largo Benjamin Constant, pelo final dos anos 50, atraídos por secreta luminosidade, vinham adejar agora alguns poetas. E muito naturalmente evocávamos a suntuosidade verbal, o tan-tan em câmara ardente e mais uma vez, simultaneamente em pé e deitada, eu tinha a belíssima cega, a jacente das rosas, entre violões, as estrofes do poeta. Entre violões, pianos e matraca. Pois Florianópolis era Desterro. E Desterro era a cidade do poeta. Uma noite em peregrinações surpreendemos para os altos da Esteves Júnior, antiga Rua do Príncipe do Grão-Pará, a última procissão noturna.

As linhas de uma obra estão intimamente ligadas, sobrepostas não ao rosto do artista mas, talvez, ao mapa da cidade, da Ilha que a criou:

Assim temos um poeta para Tebas e outro para Alexandria. Desterro deu-nos um poeta universal. Mas a baía com suas ondas de bronze foi parcialmente soterrada, as árvores tombaram, um quiosque tomou o lugar do mágico monumento e a estupidez e a avareza destruíram o quadro físico em que o poeta viveu sua obra.



No alto: o escritor Nestor Victor falando junto à sepultura de Cruz e Souza.

Embaixo: escritores e populares que foram em romaria ao túmulo do poeta negro, destacando-se à esquerda o ministro das Relações Exteriores.

Nestor Victor, O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de março de 1898

CRUZ E SOUZA

Falleceu hontem na estação do Sítio, Estado de Minas, o glorioso poeta cujo nome está aureolando lugubrememente estas linbas.

Era um preto. Foi, no emtanto, um intellectual digno e puro, tanto quanto pôde ser puro e ser digno um espirito na Arte.

Foi um humilde e foi um simples, sendo um intransigente e um altivo.

Sua maior força vinha da intensidade de seus sentimentos ao serviço de uma poderosa imaginação.

Pertencia à raça dos lutadores, desses que vêm rompendo caminho através de metralhas, porque o que trazem para dizer ao mundo ainda não está dito, porque o que aspiram ainda não está feito, porque o que sentem é sentimento virgem, não é sentimento que já fosse sentido.

Dois livros que publicou — o *Missal*, um livro de prosa, e os *Broqueis*, um livro de versos, receberam à luz o signo de seu valor, tendo sido acolhidos por applausos calorosos de uns e tendo sido batidos fortemente por outros, como tudo o que vem para legitimamente conquistar um lugar.

Além desses, porém, deixa ainda tres livros inéditos — um de prosa e dois de versos, que devem representar seu espirito n'um mais completo desenvolvimento, tendo sido escriptos dos trinta annos em diante, depois de 1893, data em que foram publicados os *Broqueis*.

Uma prova do respeito e da admiração que o cercavam, fosse qual fosse o modo de ver do publico a seu respeito, foi o movimento de interesse que levantou a noticia de sua doença, graças ao qual morreu elle a coberto da grande penuria de que o ameaçava o descuido emocionante em que viveu sentindo, em que viveu pensando, em que viveu a trabalhar para a grandeza desta terra que hoje o vai receber em seu seio.

Não é uma miseria destas de que todo mundo está acostumado a ouvir falar essa que elle veio atravessando pela vida e que só ás portas da morte deixou-o com um sorriso de travosa ironia. Elle é dos que já passaram dias e dias sem comer, nesta America, tendo talento como um millionario tem ouro; elle é dos que já soffreram frio nesta terra por que passa um tropico; elle é dos que soffreram todas as injustiças antes de ir para o tumulo.

As ultimas, principalmente, trouxe-lhe a sua cor.

Elle contava muitas vezes, a sorrir, entre intimos, injurias que soffrera por isso, insultos que recebera, tendo tido na vida, até certo ponto, o repudio que soffre um lazar, e, menos na occasião em que se lhe ouviem as phrases desdenhosas, breves e cheias de *humour* com que elle ia espalhando sem querer sua legda de intellectual proscripto, do que depois, um dia em que nos voltavam ao ouvido aquellas palavras cheias do soluço que elle então occultara, ficava-se com os olhos rasos de água a pensar nesse tragico destino, na desgracia que pôde vir com a propria superioridade e com a propria grandeza.

Por este lado principalmente os tempos vão dando ao perul de Cruz e Souza qualquer coisa do perul de Verlaine, cheio de seducção e compassivo.

Sua obra, essa ainda está por definitivamente julgar-se. A morte veio tiral-o do Presente, velu transportal-o para o Futuro na pura subjectividade de seu ser. Doce poeta, nobre poeta, talvez assim, talvez com esse outro estejas muito melhor.

Os restos mortaes de Cruz e Souza serão trasladados hoje para esta cidade, onde deverão chegar ás 6 horas da manhã.

Em capela ardente na estação Central da Estrada de Ferro Central do Brazil ficará o corpo até ás 11 horas, quando sairá o enterro para o cemiterio de S. Francisco Xavier.